

XI ENCONTRO AMERICANO DE PSICANÁLISE DE ORIENTAÇÃO LACANIANA
XXIII ENCONTRO INTERNACIONAL DO CAMPO FREUDIANO

XIENAPOL

SET 29, 30
OUT 01
2023



COMEÇAR A SE ANALISAR

BUENOS AIRES - MARRIOTT HOTEL



FAPOL
FEDERACIÓN AMERICANA
DE PSICOANÁLISIS DE LA
ORIENTACIÓN LACANIANA

 **EOL**
Escuela de la Orientación Lacaniana

 **Escola Brasileira
de Psicanálise**

NEL_{cf}
Nueva Escuela Lacaniana
del Campo Freudiano

Argumento

O próximo Encontro Americano de Psicanálise de Orientação Lacaniana (ENAPOL) propõe um tema fundamentalmente clínico articulado a uma dimensão temporal que abre pelo menos quatro grandes vias de pesquisa.

1. A primeira decorre das perguntas: **O que leva um sujeito a procurar um analista nestes tempos que correm? Como se iniciam as análises hoje?**

Lacan afirmou que “no começo da psicanálise está a transferência. (...) Está ali no começo. Mas o que é?”¹ Este fundamento introduz o tempo como uma variável inevitável para dar conta da experiência analítica. No entanto, é também um convite a pensar sobre como e o que desse amor misterioso chamado transferência se instala hoje, quando a época tende à desvalorização do saber, favorece a “autogestão”, promove a liquidez dos laços amorosos e empurra para a “autopercepção”, versão mais recente da negação do inconsciente.

J.-A. Miller afirma que na era de Freud “a psicanálise tinha tios e tias, primas e ancestrais de todos os tipos, netos, e agora está viúvo, órfão...”² A solidão atual da psicanálise é também uma oportunidade para demonstrar sua diferença radical com outros discursos.

Nosso próximo Encontro nos permitirá expor como o que chamamos de “orientação para o real” está presente desde a primeira consulta; mesmo quando se apresentam os transbordamentos e os excessos das disrupções do gozo. Neste ponto, se não se tornarem uma pergunta essencial para o ser falante, tais disrupções se abririam *per se* a uma experiência de análise?

Lacan disse que “só o discurso analítico é exceção”, e que “... ele não tem nada de universal.”³

A psicanálise exclui a dominação e não persegue a norma. Transmitir isto no diálogo com o Outro social é uma forma de possibilitar que o sujeito contemporâneo e seus novos modos de apresentação sintomática encontrem um espaço propício para se alojar. Nisso se situa uma incidência fundamental do psicanalista na cultura, um a um. Como disse Lacan em Lovaina: “... algo que se estabelece do analisante ao analista é a célula inicial de algo que deve ir muito além, que irá ou não irá, mas se acontecer, esta posição do analista terá um lugar essencial no mundo do mal-estar na civilização”⁴.

Este ENAPOL, então, será a ocasião para dizer o que fazemos e como o fazemos, desde o primeiro encontro com um sujeito que buscou análise, mas também, para explorar as novas modalidades de apresentação clínica que circulam pela época.

¹ Lacan, J., “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”, *Outros escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2003, p. 252.

² Miller, J.-A., “Psicoanálisis y conexiones”, *Mediodicho*, n. 34, EOL-Secção Córdoba, Córdoba, 2008, pág. 12.

³ Lacan, J., “Transferência para Sainte Denis? Lacan a favor de Vincennes!”, *Correio: Revista Lacaniana de Psicanálise*, n. 65, abril 2010, p. 31

⁴ Lacan, J.: “Conférence à Lovain”, *Revista Quarto*, n. 3, 1981. Há um comentário ao respeito de esse texto de Manuel Montalbán disponível em: <https://www.redicf.net/conferencia-de-lovaina-de-jacques-lacan-parte-1a/>

2. A segunda via de pesquisa baseia-se na seguinte questão: **Quando começa uma análise?**

Falar sobre a entrada em análise implica localizar o momento e os índices de uma transformação que separa um antes e um depois. Ao mesmo tempo, institui-se o cruzamento de dois tempos lógicos diferentes: o momento de concluir as entrevistas preliminares e o instante de ver que conota a implicação subjetiva e que coincide com a abertura do tempo de compreender.

Esse cruzamento temporal, instalado a partir do ato analítico que sanciona a entrada, já oferece uma leitura possível das marcas de gozo fundantes, e contém coordenadas significativas do caso que encontrarão esclarecimentos durante a análise. Por essa razão, sustentamos que a clínica do fim de análise orienta as entrevistas preliminares.

Além disso, sabemos que a psicanálise pura tem uma relação moebiana com a aplicada, são duas faces da mesma banda. Seguindo essa lógica, propomos explorar o que um analista pode fazer quando é convocado com um limite de tempo. Ou como pode atuar em diferentes dispositivos, como escolas, hospitais; naqueles lugares onde se apresentam demandas de urgência e onde alguns encontros, quando não apenas um, serão a única oportunidade para aquele que necessita ser atendido em seu padecimento, para obter uma resposta diferente daquela oferecida pelo mercado terapêutico.

Como operar analiticamente ali, em um breve lapso e com condições desfavoráveis para o discurso analítico, de modo que a porta fique aberta para um “começo”?

3. A terceira via de pesquisa que abre o XI ENAPOL está ligada à questão: **Como a clínica do começo de uma análise mudou nos últimos anos?**

Tradicionalmente, pensamos na entrada em análise como “um golpe desferido no fantasma fundamental”⁵, que retirava consistência da segurança que o sujeito obtinha dele. A partir daí derivou-se a lógica das entrevistas preliminares. Essa lógica era solidária de uma época com um Outro ainda estável, do qual o prestígio do psicanalista era subsidiário no momento da primeira consulta. No entanto, neste momento, nem sempre podemos contar com estas condições.

Por sua vez, a formação dos analistas também teve variações. Desde que nos dedicamos a estudar o último ensino de Lacan, graças à elucidação que dele fez J.-A. Miller, entendemos que o início de uma experiência de análise poderia tornar legível como *lalíngua* escreve no corpo a letra do encontro traumático com um gozo desconhecido, as marcas do trauma, a fixação do gozo, o mal-entendido fundamental. Ter em perspectiva essas formas de opacidade do sentido, assinala a orientação pelo real desde o início da análise, singulariza a escuta analítica e a diferencia de outras terapêuticas.

Como essas mudanças nas condições de nossa prática afetaram o início das análises? Como um analista se posiciona no primeiro encontro com sujeitos cada vez mais reativos ao inconsciente e mais perturbados pelo gozo do corpo? Que incidência teve a popularização das consultas virtuais e da tecnologia na decisão de buscar um analista pela primeira vez? Como precisar o uso que fazemos da categoria Psicose Ordinária em sua relação com as instâncias diagnósticas?

Essas são algumas das perguntas que nos convidam a colocar nossa clínica à altura da civilização

⁵ Miller, J.-A., “C.S.T. Clínica-Sob-Transferência”, *Clínica Lacaniana*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar ed, 1989, p. 10.

e, também, do último ensino de Lacan.

4. Finalmente, o título que nos orienta é um chamado aos praticantes: **Começar a se analisar!**

É um convite a manter viva e dar conta da posição analisante que se espera daqueles que encarnam o discurso psicanalítico no dia a dia. Trata-se de uma proposta diante de certos dilemas políticos da psicanálise, ao mesmo tempo em que poderia orientar a resposta face aos impasses da formação, às encruzilhadas éticas e aos desafios da clínica contemporânea.

Seguimos Lacan no *Seminário 24*: “Aquele que sabe, em análise, é o analisante”.⁶ Como o praticante consente com essa condição de prática analítica nas primeiras sessões? Como esse praticante pode dar o passo lógico em direção a “romper com sua ancoragem na suposição”⁷ para permitir que o saber do analisante se desdobre?

Essa quarta via nos implica especialmente, porque vai além das questões que nos coloca nossa prática, a época ou o estudo dos textos. Ela se dirige diretamente à relação que cada praticante tem com a psicanálise.

Finalmente, as vias de investigação que se abrem para o nosso próximo Encontro Americano acabam produzindo uma torsão que nos implica e interpela. O XI ENAPOL abre a porta para esta questão ética fundamental: começar a se analisar!

Esperamos vocês!

Jorge Assef
Presidente XI ENAPOL

María Cristina Giraldo (NEL)
Sergio Cordeiro de Mattos (EBP)
Oscar Zack (EOL).
Comissão Científica XI ENAPOL

⁶ Lacan, L., “Rumo a um significante novo” (Seminário 24, 17 de maio de 1977), *Opção Lacaniana*, n. 22, agosto de 1998, p. 12.

⁷ Laurent, E., “Tratamiento psicoanalítico de la psicosis e igualdad de las consistencias”, *la Conversación clínica*, UFORCA, Buenos Aires, Grama, 2020, pág. 43.

Eixos temáticos

- Hoje, “no começo está a transferência”? E se não, então como é?
- Da demanda à entrada em análise: seus impasses, o gozo, o Um, formalizações possíveis.
- Modos de apresentação das consultas atuais: identidades, virtualidades, sintomas e caráter.
- Como se demonstra, desde as primeiras entrevistas, que a psicanálise não é uma terapêutica como as outras?
- Soluções singulares. Que lugar para o diagnóstico diferencial?
- Ato analítico e interpretação no início. Perturbar a defesa, ainda?
- Primeiras entrevistas em diferentes dispositivos de atenção.
- A formação do analista e a relação com o seu inconsciente.

Tradução: Nohemí Brown

Revisão: Paola Salinas